

O Evangelho Segundo Jesus Cristo, de Saramago: uma leitura antroponímica
O Evangelho Segundo Jesus Cristo, by Saramago: an anthroponomical reading

Kleber Eckert
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS
kleber.eckert@bento.ifrs.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-6436-1193>

Maiquel Röhrig
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS
maiquel.rohrig@bento.ifrs.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-3647-8212>

Resumo: O tema deste artigo é uma análise simbólica e etimológica dos nomes dos personagens da obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago. O objetivo é verificar de que maneira os nomes relacionam-se com suas funções na obra e com suas características físicas ou comportamentais, além de verificar se a escolha dos nomes foi intencional e corresponde à sua origem etimológica ou se foi fortuita. O trabalho justifica-se dada a relevância da obra e de seu autor para a língua portuguesa, e por não ter sido encontrado, até onde foi possível saber, nenhuma publicação que versasse sobre a abordagem em questão. A fundamentação teórica consiste nos estudos da Onomástica e, mais especificamente, da Antroponomástica Ficcional, cujo objetivo é o estudo dos nomes próprios de personagens de obras ficcionais. Quanto à metodologia, procedeu-se da seguinte maneira: leitura atenta da obra e registro de todas as ocorrências relacionadas aos nomes próprios; consulta a dicionários de nomes e sobrenomes; verificação da correspondência entre o significado do nome registrado nos dicionários e as funções e características dentro da obra literária. Conclui-se que a escolha dos nomes, no caso da obra analisada, não foi fortuita e sim, etimológica e simbolicamente motivada.

Palavras-chave: Antroponomástica Ficcional; *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*; nomes.

Abstract: The subject of this paper is a symbolic and etymological analysis of the characters' names from *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* by José Saramago. This study aims to verify how the names are related to their functions in the literary work and to their physical or behavioral features. Additionally, it aims to determine whether the choice of their names was intentional and corresponds to their etymological origin or if it was merely fortuitous. The study is justified due to the book's and its author's relevance to the Portuguese language, and it is noted that, as far as has been determined, no publication has approached this matter. The theoretical foundation is based on Onomastics studies and, more specifically, on Fictional Anthroponomastics, which focuses on the study of proper names of fictional characters. Regarding the methodology, the following procedure was followed: careful reading of the work and recording all occurrences related to proper names; consulting dictionaries of first and last names; verification of the correspondence between the meaning of the name as presented on the dictionaries and the functions and characteristics within the literary work. It is concluded that the choice of names in the case of the analyzed book was not fortuitous but rather etymological and symbolically motivated.

Keywords: Fictional Anthroponomastics; *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*; names.

Introdução

O presente trabalho propõe uma análise da Antroponímia Ficcional do romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago. O objetivo principal consiste em analisar etimológica e simbolicamente (Gasques, 2003) os nomes próprios dos principais personagens

da obra, a fim de verificar se os nomes têm relação com as características físicas, emocionais ou comportamentais desses personagens. Para alcançar o objetivo proposto, num primeiro momento, discutem-se questões acerca do nome próprio de pessoa, além de analisar-se o papel desse nome na sociedade em que se passa a história narrada na obra de Saramago.

Inicialmente, situam-se os estudos do nome próprio no campo da Lexicologia para, então, chegar à discussão dos objetos de estudo da Onomástica – estudo dos nomes próprios –, dividida em Toponímia (estudo do nome próprio de lugares) e Antroponímia (estudo do nome próprio de pessoas), principalmente. Na sequência, apresenta-se o conceito de signo onomástico, em comparação ao signo linguístico, e reflete-se sobre a transparência ou opacidade desse signo. Finalmente, para concluir as reflexões sobre a área da Onomástica, discute-se o objeto de estudo da Onomástica Ficcional e, mais especificamente, da Antroponímia Literária, que é o recorte epistemológico a que pertence a análise empreendida neste artigo.

Quanto à metodologia, a obra literária foi lida com atenção e os nomes dos principais personagens foram destacados, com especial interesse nas considerações do próprio narrador em relação a cada um deles. Ademais, todos os nomes selecionados foram analisados etimológica e simbolicamente, com o intuito de avaliar uma possível relação entre o significado do nome e as características dos personagens, com base em dicionários de nomes e em obras especializadas, como Guérios (1973), Andrade (1994), Obata (1986) e Oliver (2005). Essa metodologia pode ser considerada uma abordagem qualitativa, a qual tem sido uma tendência nos estudos de Antroponímia Ficcional, conforme estudos efetuados por Seide (2016: 1154).

O presente artigo está organizado da seguinte maneira: a primeira parte, conforme já mencionado acima, trata dos estudos teóricos da Onomástica, da Antroponímia e, mais especificamente, da Antroponímia Ficcional e Literária. Depois, apresenta-se, brevemente, o

autor e a obra, com destaque para a intertextualidade do romance com o Novo Testamento. Em seguida, está a análise dos nomes próprios, com base na relação entre o significado desses nomes em dicionários específicos e as reflexões do próprio Saramago sobre eles. Finalmente, encontram-se as considerações finais e as referências bibliográficas que embasaram este texto teórica e analiticamente.

1. A Antroponímia: o estudo dos nomes próprios de pessoa

O léxico de uma língua, consoante Dubois *et al.* (2006: 364), “[...] designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.” Mais especificamente, Correia e Almeida (2012: 11) afirmam que, por tradição e de forma genérica, o léxico de uma língua é “[...] o conjunto de todas as palavras que dela fazem parte”. Nesse sentido, ele é o responsável, de acordo com Seabra (2006: 1953), “[...] por nomear e exprimir o universo de uma sociedade”. A Lexicologia é, portanto, a ciência que estuda o patrimônio lexical de determinada língua e, entre seus objetos de estudo, está a Onomástica, que trata da origem, da formação e dos significados dos nomes próprios, subdividindo-se, especialmente, no estudo do nome próprio de pessoa – a Antroponímia – e de lugar – a Toponímia.

A Toponímia e a Antroponímia, embora tenham objetos de estudos diferentes, aproximam-se em alguns aspectos, conforme preconiza Dauzat (1950):

Nomes de lugares e nomes de pessoas sempre tiveram entre eles, e ainda têm, relações de interdependência, mais ou menos indicadas conforme as épocas. Cidade ou aldeia, frequentemente chamadas pelo nome de seu fundador ou do possuidor do domínio em torno do qual uma aglomeração se formou mais tarde. Em contrapartida, o indivíduo, ou a família, são frequentemente denominados conforme sua localidade, seu município, sua pátria de origem, de acordo com sua propriedade ou conforme tal particularidade de sua residência (DAUZAT, 1950: 04).

A confluência entre a Toponímia e a Antroponímia também é discutida por Seabra (2006), embora ela o faça numa perspectiva diferente. Para a pesquisadora:

[...] apesar de se constituírem em campos semânticos de dimensões variáveis da Onomástica – pessoa e lugar – têm na mesma uma relação de inclusão, uma vez que

se encontram no onoma, em uma área de intersecção: o vocábulo, ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo – em uso dêitico ou anafórico – e passa a ser referencializado como topônimo ou antropônimo (SEABRA, 2006: 1954).

Ainda no campo dos estudos onomásticos, tem-se o signo onomástico, que é, exatamente, o objeto de estudo e de reflexão da área. Em relação a esse tema, Sartori (2015) apresenta uma discussão acerca da diferença entre o signo linguístico e o signo onomástico. O primeiro é arbitrário ou necessário, enquanto o segundo é motivado. Ademais,

além de diferenciarem-se no que se refere à motivação, o signo onomástico tem uma particularidade específica quanto à função. Deve, assim, ser percebido sob dois aspectos: a função do denominador (razões que fazem com que o falante selecione um signo onomástico e não outro) e a origem semântica da denominação, de modo transparente ou opaco (Sartori, 2015: 132).

Um signo onomástico transparente pode ser verificado quando é possível relacionar, por exemplo, o nome próprio a determinado elemento do vocabulário de uma língua. Se essa possibilidade não existe, é porque o signo onomástico provavelmente surgiu numa época remota, quando no território em que ocorre esse signo falava-se outra língua. Nesse caso, costuma-se dizer que o signo é opaco (Marcato, 2009: 18).

Nesse sentido, pode-se apresentar os exemplos citados por Guérios (1973: 16), que também discute a opacidade e a transparência do signo onomástico. Para o autor, o nome *Licurgo* pode, atualmente, ser classificado como um signo opaco, pois ninguém mais lembra, no momento de chamar alguém por esse nome, do primitivo caçador de lobos. Por outro lado, o topônimo *Bahia* pode ser considerado um signo transparente, pois um lugar assim nomeado pode traduzir, de fato e na realidade, uma baía. Frosi (2015: 43) acrescenta que, muitas vezes, a transparência do signo onomástico é perceptível apenas no momento de seu nascimento e, à medida que o tempo passa, ele vai se tornando opaco.

Já Dauzat (1950) conclui que

[...] a mudança de valor sofrida pelos nomes próprios no decurso de sua história não é menos sugestiva ao olhar da semântica. A palavra esvaziou-se rapidamente de sua significação primitiva, ela se esterilizou a ponto de não mais ser do que uma etiqueta do indivíduo; não mais a compreendemos no sentido etimológico (Dauzat, 1950: 10).

A partir dessa constatação, Sartori (2015: 132) também afirma que, se não houver o conhecimento da motivação do signo onomástico, os nomes próprios acabam por se transformar em meras etiquetas identificadoras. É no questionamento dessa perspectiva que se situam as análises dos nomes dos personagens do presente trabalho, já que o objetivo principal é avaliar em que medida o significado etimológico dos nomes (e sobrenomes ou apelidos) dos personagens relaciona-se às suas características físicas e/ou comportamentais. E, assim, chega-se a um tipo de estudo nomeado por Marcato (2009: 26) de Onomástica Literária, por Seide (2016: 1154) de Onomástica Ficcional, por Camargo (2018: 5) de Onomástica Literária e por Amaral e Seide (2020: 196) de Antroponomástica Literária.

A Antroponomástica Ficcional tem como campo de atuação a análise dos nomes dos personagens de obras literárias, além de também se dedicar ao estudo dos nomes próprios presentes em obras audiovisuais, como o cinema e a televisão (Marcato, 2009; Seide, 2016). Neste texto, que analisa os nomes próprios de pessoa da obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, a Onomástica Literária é compreendida como parte da Onomástica Ficcional, uma vez que esta é mais ampla que aquela, e por compreender que uma das características do texto literário é a ficcionalidade. É possível, ainda, ser mais específico, isto é, afirmar que o real objeto de reflexão deste texto é a Antroponímia Literária, já que o objeto de análise são apenas os nomes próprios de pessoa, embora se faça referência aos nomes de lugar quando eles ajudam a compor o nome dos personagens.

Marcato (2009: 25) afirma que essa área de estudos é relativamente recente. Segundo a pesquisadora, a Onomástica Literária começou a se desenvolver no início dos anos de 1980 na Itália, com estudos dedicados à análise dos nomes de pessoas e de lugares em obras literárias antigas e modernas. Com as análises das obras de Dante, Pirandello, Manzoni, Boccaccio e Petrarca, a disciplina adquiriu certa autonomia e se libertou da análise ou crítica literária, passando a expandir seu campo de pesquisa. Dessa forma, a Onomástica Literária

passou a analisar, efetivamente, as funções que o nome próprio exerce numa obra ou até mesmo no *corpus* onomástico de determinado escritor.

É preciso levar em conta também que o estudo dos nomes próprios dos personagens de uma obra geralmente tem uma abordagem interdisciplinar. Nesse sentido, a partir de um levantamento feito por Seide (2016:1156) em dez artigos que têm como tema a Onomástica Ficcional, percebeu-se essa interdisciplinaridade, principalmente nos estudos que aliam o âmbito literário ao audiovisual, isto é, chega-se a um diálogo entre os estudos literários e os semióticos. Numa perspectiva semelhante, Santos (2015:12) afirma que a Onomástica Literária se desenvolve como uma corrente de pesquisa do nome próprio que recorre a diferentes áreas do saber e que, na literatura, ela amplia os horizontes semânticos do texto.

A escolha do nome dos personagens de uma obra literária deve ser, por parte do autor, um ato criativo, pois ele pode levar em conta o ambiente em que esses personagens vivem e também o poder evocativo e conotativo que os nomes possuem (Marcato, 2009:25). Na obra que é objeto de análise deste artigo, percebe-se a presença do ambiente quando, ao acrescentar uma espécie de sobrenome (ou de apelido), o autor escolhe um topônimo que se relaciona diretamente ao local de vida ou de nascimento de determinado personagem. Acerca dessa escolha, Mexias-Simon e Oliveira (2004: 63) explicam que “o nome do personagem ganha concretização, se já não a possuía. É um recado do autor aos leitores, traça o caráter dos personagens, é parte da trama, vai transformando-se em signo linguístico pleno, com significante e significado, se não inteligido, pelo menos intuído”. Para Marcato (2009: 25), a criatividade pode se manifestar também no acréscimo de um apelido ao personagem, o qual é, muitas vezes, um elemento a mais que o autor utiliza para imprimir detalhes ao perfil desse personagem.

Como o enredo da obra que é objeto de análise neste trabalho se passa no início do primeiro milênio, é preciso ainda fazer uma reflexão acerca das motivações das escolhas dos

nomes dos filhos por parte dos pais. Nesse sentido, Carvalhinhos (2007: 02-3) explica que existe uma diferença entre essa escolha na atualidade e em tempos remotos. Hoje em dia, é fato comum nomear o filho com o nome de heróis das telenovelas, principalmente aquelas exibidas em horário nobre com grande sucesso, ou então escolher o nome como uma homenagem ao santo de devoção, por uma graça alcançada. Por outro lado, “em tempos remotos, o nome próprio cumpria a função significativa, isto é, sua função semântica estava assegurada: o indivíduo não era apenas designado por seu nome, como recebia toda sua carga conotativa” (Carvalhinhos, 2007: 02). A autora exemplifica a afirmação com o nome Cícero, que vem do latim *Cicero*, em cuja raiz há o significado de grão de bico. Provavelmente, o nome teria surgido do uso como alcunha, devido a alguma marca no rosto, assemelhada a um grão de bico. Em síntese,

[...] se hoje as sociedades ocidentais apresentam esse fenômeno do esvaziamento semântico nos nomes próprios de pessoas, nestas mesmas sociedades durante a Antiguidade os nomes não eram atribuídos por tradição ou gosto, mas efetivamente havia um motivo ou uma motivação para fazê-lo, fosse por atributos físicos ou morais que se quisesse imprimir no indivíduo nomeado, fosse por devoção ou pela crença que um nome sagrado ou ligado ao sagrado traria sorte ao portador do mesmo (Carvalhinhos, 2007: 03).

Numa perspectiva semelhante, Mexias-Simon e Oliveira (2004: 15) acreditam que o nome próprio seja uma convenção extremamente importante, isso porque em algumas culturas o nome pode conferir ao seu portador poder e prestígio. Além disso, para as pesquisadoras,

[...] o nome próprio diz algo a respeito de seu portador, mas diz também a respeito do nomeador. Nas sociedades ditas primitivas, os nomes próprios, além da função de indicar, classificam o indivíduo como pertencente a um clã (como de resto nas sociedades modernas também) e evocam um hábito, um atributo, uma qualidade característica (verdadeira ou não) do nomeado, citando-lhe aspectos positivos ou negativos (Mexias-simon; Oliveira, 2004: 32).

Em relação à escolha do nome em tempos remotos, sobretudo por povos sem tradição escrita, Calvet (2011: 98) considera que o nome dado à criança pode ser uma mensagem ou até mesmo um meio de comunicação. Ademais, esse nome pode ser “portador da vontade de influenciar a sorte, de conjurar os auspícios nefastos: ele é simultaneamente proteção e mensagem” (Calvet, 2011: 95).

Ainda sobre o valor e a simbologia dos antropônimos, os nomes e sobrenomes carregam consigo marcas de civilizações passadas e, conforme Guérios (1973: 18), “refletem as civilizações passadas com todas as suas instituições. Os nomes são criados sob o influxo religioso, político, histórico, etc., de circunstâncias variadíssimas, e em que transparece viva a alma popular de todos os tempos e de todos os lugares”. Numa perspectiva semelhante, os estudos sobre o nome próprio “permitem reconstruir não apenas a história das línguas, como também a dos povos que a falavam: origem geográfica desses povos, migrações, etc.” (Calvet, 2011: 119).

Para Dauzat (1950), estudar os nomes e os sobrenomes leva-nos a adentrar no cerne da alma popular de épocas remotas. Esses nomes e sobrenomes são símbolos vivos de crenças e superstições atualmente desaparecidas. Carvalhinhos (2007) aponta para uma perspectiva semelhante, para quem o nome das pessoas é “um manancial rico para conhecimento não apenas da língua, mas também permite apreender um pouco de cultura, religião e até ideologia do povo que o criou em determinada época” (Carvalhinhos, 2007: 16).

Dessa forma, chega-se novamente ao principal objetivo do presente trabalho. Analisar a importância e o significados dos nomes e sobrenomes (quando os há) para a obra, com o intuito de identificar se as motivações antroponímicas estão carregadas de significados ou se os nomes escolhidos pelo autor são meras etiquetas identificadoras. Além disso, pode-se pensar também na importância dos estudos dos nomes para compreender como o sistema antroponímico funcionava na época em que se passa o enredo da obra.

2 Autor e obra

José Saramago (1922-2010) é considerado o maior nome da literatura de Língua Portuguesa das últimas décadas. Seu reconhecimento mundial alcançou o apogeu em 1998, quando se tornou o primeiro e, até o presente momento, único escritor de Língua Portuguesa a

receber o prêmio Nobel de Literatura. Falecido aos 87 anos, deixou uma obra vasta, na qual se destacam seus 17 romances.

O Evangelho Segundo Jesus Cristo narra, sob uma perspectiva literária, eventos do Novo Testamento. Publicado em 1991, é o romance mais longo de Saramago, com 24 capítulos, não numerados, que totalizam 445 páginas. A narrativa conta a história de Jesus desde sua concepção até sua crucificação. A intertextualidade com o Novo Testamento ocorre, mas Saramago humaniza o personagem, subvertendo alguns eventos que, na Bíblia, o divinizam. Saramago também se utiliza da historiografia, refletindo sobre a veracidade de fatos históricos relativos ao período em que Jesus teria vivido, amparando-se, para isso, em estudos da Arqueologia e da História.

Segundo Schmidt (2003: 56), o romance é a “proposta de um evangelista temporalmente duplo, que [...] irá aproximar dois espaços amplamente distanciados pelo tempo: o passado (histórico e memorial) e o presente (autorreflexivo, crítico e revisor)”. Apesar do título, não se trata de um evangelho “segundo Jesus Cristo”, mas segundo um narrador em terceira pessoa que se situa nesse limiar entre o passado (considerado sob a perspectiva intertextual, relativa ao Novo Testamento, e histórica) e o tempo em que o narrador se situa, cujo distanciamento temporal lhe permite um caráter reflexivo em relação aos eventos narrados.

A onisciência do narrador é plena, e ele sabe, inclusive, mais do que o personagem Deus, cuja onisciência, no romance, mostra-se falha. A mãe de Jesus, por sua vez, é humanizada e Saramago desfaz a idealização criada a partir de sua concepção em estado de virgindade. A Maria de seu romance é uma moça de quinze anos, submissa ao marido e à lei judaica, marcada pela cultura do tempo em que vive. Ela engravida por meio do sexo com seu marido, José. Depois, Deus explica a Jesus que “misturou sua semente” à de José, o que, embora registre o caráter divino de Jesus, não elimina sua condição humana, nascido “como

todos os filhos dos homens, sujo do sangue de sua mãe, viscoso das suas mucosidades e sofrendo em silêncio” (Saramago, 1991: 83).

Saramago conta a infância, a adolescência e a fase adulta de Jesus, preenchendo lacunas dos evangelhos. Nestes, há um hiato de dezoito anos, dos doze aos trinta anos de Jesus. O autor também preenche uma lacuna do texto bíblico em relação a José. Saramago lhe confere uma importância não existente no Novo Testamento, em cujos textos José desaparece de modo que pouco saibamos sobre seu trabalho e nada sobre sua morte.

O Jesus de Saramago julga seus pais, não perdoa suas falhas, sai de casa desobedecendo à mãe, não se submete aos desígnios de Deus e ainda tenta enganá-lo: pede a Pilatos que inscreva sobre sua cruz que Jesus é o rei dos judeus, e não o filho de Deus, como afirmavam acusando-o de heresia. Jesus não faz o que se espera dele, em clara oposição ao que consta no texto bíblico, ou seja, Jesus luta pela vida, não se submete ao sofrimento, a Deus nem à morte.

O Demônio está presente na vida de Jesus desde sua concepção até momentos antes de sua crucificação. Durante quatro anos, atendendo pelo nome de Pastor, acolhe Jesus ensinando-lhe o ofício de pastorear ovelhas. Mais do que isso, tenta ensinar seu pupilo a enxergar a vida sem a alienação da lei judaica, mostrando-lhe as incoerências e crueldades de Deus. Jesus, no entanto, não aprende. A clara demonstração disso ocorre quando Jesus encontra Deus no deserto e sacrifica-lhe uma ovelha. Pastor, então, expulsa-o de seu convívio, acusando-o de não ter aprendido nada.

O encontro com Maria Madalena, ou Maria de Magdala, rende ao Jesus de Saramago o amor que o Jesus da Bíblia não teve oportunidade de experimentar. Maria de Magdala acompanha-o não porque o venera, mas porque ambos se amam. Jesus mantém com ela um relacionamento muito diferente daquele que era habitual na época, pois a respeita e a trata como igual, sem submetê-la aos preconceitos de sua religião e à moral de sua época.

Na obra de Saramago, Deus e o conjunto de suas leis são o grande antagonista. Enquanto Jesus e o Demônio buscam amar e compreender os homens, Deus trabalha para submetê-los à sua vontade, ampliar o número de seus fiéis e o poder que tem sobre eles. A seguir, empreendemos a análise de alguns dos nomes dos personagens da obra, a fim de verificar se há, e, em havendo, explicar como se estabelece a correspondência entre o nome do personagem, suas características e funções no texto, levando-se em conta a característica intertextual do romance.

3. Os nomes dos personagens

A obra de Saramago revela uma preocupação especial com o nome próprio dos personagens e a maneira de nomeá-los. Isso se percebe, por exemplo, em obras como *Todos os Nomes*, em que apenas o protagonista recebe nome próprio (Sr. José), enquanto todos os demais personagens recebem designações genéricas, como patrão, senhora do rés-do-chão etc. Também é possível verificar a preocupação do autor na nomeação dos personagens na obra *Ensaio sobre a cegueira*, na qual os personagens não recebem nomes próprios, sendo tratados a partir de suas profissões, funções ou características pessoais. Na obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, a questão dos nomes é novamente explicitada, inclusive em reflexões do próprio narrador, como se pode verificar em “de certeza que a mulher ajoelhada se chama Maria, pois de antemão sabíamos que todas quantas aqui vieram juntar-se usam esse nome, apenas uma delas, por ser ademais Madalena, se distingue onomasticamente das outras” (Saramago, 1991: 14).

Na obra objeto de análise deste texto, há diversos personagens com o nome de Maria, identificado pelo narrador como um nome extremamente comum, a ponto de se confundirem diferentes personagens, conforme se pode perceber na seguinte passagem: “atrás deles iam as mulheres, da maior parte das quais não chegamos a saber os nomes, na verdade, tanto faz,

quase todas estas são Marias, e mesmo as que não forem darão por esse nome, dizemos mulher, dizemos Maria, e elas olham e vêm servir-nos” (Saramago, 1991: 400). Nesse sentido, o narrador estende sua reflexão tratando o nome próprio Maria como sinônimo do substantivo comum mulher, atribuindo a ele também uma carga relativa aos valores da época, sobretudo em relação à submissão das mulheres. Isso revela que a falta de preocupação com o nome da mulher está associada à sua insignificância naquela sociedade.

Para diferenciar uma Maria da outra, Saramago optou por acrescentar uma informação toponímica. Assim temos Maria Madalena (ou de Magdala) para não haver confusões com a outra Maria presente no enredo, que é a mãe de Jesus - nomeada, em algumas situações, de Maria de Nazaré. O topônimo nem sempre diz respeito ao lugar de nascimento; pode referir-se ao lugar de residência, que é o que se verifica com a personagem em questão: “nunca se sabe aonde pode chegar a identificação de uma pessoa com o lugar onde nasceu ou, neste caso, onde se fez homem ou mulher” (Saramago, 1991: 140-41). Neste caso, a opção de Saramago foi escolher o topônimo Magdala, a fim de diferenciar Maria Madalena da Maria de Nazaré.

Em muitos casos, o topônimo também é acrescido ao nome de outros personagens masculinos. Citam-se os exemplos de Judas Galileu (ou da Galileia), José de Arimateia, Simão de Cirene (ou Cireneu). Segundo o narrador, “não devemos estranhar identificações tão primitivas, aliás muito comuns” (Saramago, 1991: 140). Essa forma de nomear revela uma das tendências de surgimento dos sobrenomes que, àquela época, ainda não existiam formalmente, pois as pessoas recebiam apenas o primeiro nome. Mioranza (2009: 48) esclarece que “Os sobrenomes englobados sob o título de toponímicos são geralmente mais fáceis de ser reconhecidos que os demais, pelo fato de se reportarem a determinado local, a um ponto de referência específico, situado no tempo e no espaço”. Nesse sentido, a preocupação com a escolha de qual topônimo ser acrescentado ao nome da pessoa - lugar de

nascimento ou de residência - aparece nas reflexões do romance, inclusive nas falas dos personagens, como é o caso do diálogo entre Maria Madalena e Jesus:

Tens vivido longe, isto aqui é a Galileia, [disse Maria] E eu sou galileu, não me farão mal, [disse Jesus] Galileu não és, se foste nascer a Belém de Judeia, Meus pais conceberam-me em Nazaré, e eu, verdadeiramente, nem em Belém nasci, nasci foi numa cova, no interior da terra, e agora até me chega a aparecer que voltei a nascer, aqui, em Magdala (Saramago, 1991: 289).

Numa consulta a dicionários de nomes e obras especializadas acerca de antropônimos, verificam-se muitas referências à origem do nome Maria Madalena e possíveis significados etimológicos ligados à época de Jesus. Alguns desses significados também se relacionam com a maneira como Saramago caracteriza a personagem. O nome Maria, segundo Oliver (2005: 449), “deu origem a um sem-fim de interpretações. Com diversas raízes e origens, segundo consta na maioria dos autores, o que se entende como desdobramentos posteriores do étimo original. Do sânscrito *Maryâh*, lit. a pureza; a virtude; a virgindade”. De acordo com Obata (1986: 136), o nome vem “do hebraico *Myriam*, para o qual existem cerca de setenta interpretações. As mais conhecidas derivam o nome do hebraico *Marah*, ‘contumaz’ ou ‘a que tem amargura’; ou do egípcio *Mrym*, ‘amada de Amón’ ou ‘amada de Deus’; ou, ainda, do semítico, significando ‘senhora, soberana’.”

Considerando os significados etimológicos do nome Maria, podemos perceber que alguns relacionam-se com a Mãe de Jesus, enquanto outros dizem respeito a Maria Madalena. Em relação à mãe de Jesus, temos a questão da pureza, da virtude e da virgindade. Além disso, é a amada de Deus, pois Maria foi escolhida para ser a mãe do Salvador. Quanto à Maria Madalena, podemos associar o nome aos significados de contumaz e a que tem amargura, em função de sua personalidade forte e ao fato de sua profissão, prostituta, ter-lhe causado, durante boa parte da vida, amarguras. Este último aspecto também diz respeito à mãe de Jesus, uma vez que sofreu a grande amargura de ver seu filho humilhado, crucificado e morto injustamente.

O nome Madalena tem origem no topônimo Magdala, que é uma cidade da Galileia. A partir desse topônimo surgiu o qualificativo Magdalena (natural de Magdala) que, por sua vez, por questões de adaptação fonética, evoluiu para Madalena em Português. Segundo Obata (1986: 132), o nome vem da palavra hebraica Maghdal, com o significado de torre ou cidade das torres. Para a autora, “o nome, originalmente Magdalena ‘natural de Magdala’, foi usado como qualificativo de Maria, a famosa pecadora arrependida, influenciando o significado, hoje, de ‘mulher arrependida’ ou ‘mulher chorosa’” (Obata, 1986: 132-133). Oliver (2005: 446) acrescenta que, simbolicamente, o nome Madalena corresponde à ideia da matéria purificada pelo espírito.

Conforme já assinalado anteriormente, o uso de Madalena ao lado do nome Maria remete à necessidade de se diferenciarem personagens (ou pessoas) com o mesmo nome, no caso Maria. Também no nome dessa personagem, verifica-se um embrião do surgimento dos primeiros sobrenomes, que são os de origem toponímica (Mioranza, 2009: 48). Em relação aos sentidos do nome Madalena, podemos perceber que eles se relacionam à vida da personagem, isso porque trata-se de uma mulher que, na obra, é vista por Jesus como magnífica, a ponto de ele a ter escolhido como sua única seguidora, num grupo formado basicamente por homens. Além disso, no momento em que a personagem encontra Jesus, sente-se purificada, pois Jesus não a julga e seus pecados do passado - como prostituta - lhe foram perdoados.

Outra tendência de origem dos sobrenomes também é verificada na obra de Saramago. Trata-se dos patronímicos, isto é, quando o sobrenome deriva do nome do pai. Inicialmente, para não haver dificuldades de identificação de pessoas com o mesmo nome, passou-se a nomeá-las utilizando o primeiro nome acrescido da designação “filho de”. Diferentes passagens revelam essa tendência, como se pode verificar nos exemplos a seguir: “O carpinteiro, chamado José filho de Heli, era um homem novo, na flor da vida, fizera há

poucos dias trinta e três anos” (Saramago, 1991: 166). “A Tiago, filho de Zebedeu o degolarão, que o segundo Tiago, filho de Alfeu, será lapidado” (Saramago, 1991: 435). “Como te chamas, homem, Jesus, filho de José, nasci em Belém da Judeia, mas conhecem-me como Jesus de Nazaré porque em Nazaré da Galileia vivi” (Saramago, 1991: 441).

A preocupação com a nomeação dos personagens é tema recorrente na obra, tal como também foi identificado por Camargo e Bini (2022), ao analisar dois textos do escritor colombiano Gabriel García Márquez. No caso do romance de Saramago, um desses motivos diz respeito à precisão das informações:

Saíram pois os emissários, com José à frente, a indicar o caminho, e eram eles Abiatar, Dotaim e Zaquias, nomes que aqui se deixam registados para estorvar qualquer suspeita de fraude histórica que possa, acaso, perdurar no espírito de todas aquelas pessoas que destes factos e suas versões tenham obtido conhecimento através doutras fontes, porventura mais acreditadas pela tradição, mas não por isso mais autênticas (Saramago, 1991: 39).

Em relação aos significados dos nomes próprios de pessoa, o narrador do romance menciona que, em sua origem, esses nomes não são meras etiquetas identificadoras. É o caso das reflexões relativas à escolha do nome do personagem filho de Jacob: “dando à luz a criança a quem Jacob daria o nome de Benjamin, que quer dizer, filho da minha mão direita, mas a quem ela, antes de morrer, chamou, com muita razão, Benoni, que significa, filho da minha desgraça” (Saramago, 1991: 79).

Essa passagem explicita o fato de que os nomes dos filhos, naquela época, eram escolhidos pelos pais a fim de significarem alguma coisa relacionada à experiência dos pais com o filho ou suas expectativas em relação ao futuro da criança. Ainda hoje, segundo Butkuvienė *et al.* (2021: 421), há uma categoria específica de motivação antroponímica associada à onomatômica, a qual chamam de “crença”; nesta motivação percebida em um estudo antroponímico comparado de nomes brasileiros e lituanos, repete-se a escolha do nome baseada “[...] na crença de que o nome tem traços que influenciam a personalidade da pessoa nomeada”. Situação semelhante se verifica com o nome de Jesus, escolhido pelo pai, José: “o

carpinteiro que de há muito assentou na sua cabeça que esse será o nome do seu primogénito” (Saramago, 1991: 76). O nome Jesus origina-se, segundo Oliver (2005: 209), “do hebraico *Ioshua, Jehoshea*, lit. ‘Deus (Jeová) é a salvação: Deus é auxílio’.” De acordo com Obata (1986: 116), o nome Jesus foi “pouco usado no início do cristianismo por ser considerado desrespeito ao seu primeiro portador. Hoje é um nome muito popular na Espanha e nas Américas portuguesa e espanhola.”

Ainda em relação à importância do nome próprio de pessoa, temos um dos personagens centrais que se recusa a revelar seu nome, utilizando como designação a profissão que desempenha: pastor. Quando encontra Jesus, ele lhe pergunta: “Que nome é o teu, Para as minhas ovelhas não tenho nome, Não sou uma ovelha tua, Quem sabe, Diz-me como te chamas, se fazes tanta questão de dar-me um nome, chama-me Pastor, é o suficiente para que me tenhas, se me chamares” (Saramago, 1991: 227). O personagem prefere autoneamar-se Pastor porque seu nome é estigmatizado, contendo um sentido que, segundo ele, não revela sua verdadeira personalidade. E nisso estão o significado associativo e enciclopédico do nome próprio, conforme considerações Camargo (2018) e Camargo e Bini (2022). Pastor é, na verdade, o demônio, e ele se sente injustiçado pela maneira como foi tratado por Deus. Esse estratagema é adotado pelo personagem porque é a única maneira que ele tem de conviver com Jesus por um período, pois se revelasse seu nome, Jesus não o seguiria no deserto. Depreende-se que há um significado associativo do nome próprio em sociedade e na citação acima é possível observá-lo na tessitura textual.

Em uma conversa do demônio com Deus, Pastor comenta a respeito do seu nome original: “como nos tempos felizes, em que fui um dos teus anjos prediletos, Lúcifer me chamavas, a que a luz levava, antes que uma ambição de ser igual a ti me devorasse a alma e me fizesse rebelar contra a tua autoridade” (Saramago, 1991: 392). Manter-se anônimo ou fugir do nome, neste caso, é necessário porque segundo a fala de Deus no enredo, “o pecado e

o Diabo são os dois nomes duma mesma coisa” (Saramago, 1991: 386). Apesar do sentido poético do nome Lúcifer, o que se verifica é que ele ficou estigmatizado a ponto de não ser utilizado para nomear pessoas desde o tempo de Jesus até a atualidade. O nome nem mesmo aparece para consulta nos dicionários de nomes e sobrenomes utilizados na presente pesquisa.

Considerações finais

Neste artigo, analisaram-se os nomes dos personagens principais da obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* numa perspectiva simbólica e etimológica. Foi possível estabelecer um paralelo entre os comportamentos ou as características desses personagens com os dados levantados nos dicionários especializados da área da Antroponímia.

Em primeiro lugar, reforça-se a ideia de que o tema dos nomes próprios de pessoa é caro para o escritor José Saramago. Assim como o autor procedeu em outras obras, no romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, também ocorrem reflexões sobre a importância do nome dos personagens ao longo de toda a narrativa, mesmo que ela tenha sido construída intertextualmente a partir do Novo Testamento. Em outras palavras, os personagens – e seus nomes – não são puro objeto de ficção, por já constarem no texto bíblico em que o autor se inspirou.

Em segundo lugar, os nomes próprios de pessoa não são utilizados, no romance analisado, como meras etiquetas identificadoras. No texto de Saramago, os nomes são, portanto, transparentes, no sentido de que existe uma relação simbiótica entre o seu significado e o ser nomeado. O mesmo se aplica à autonegação “pastor”, isto é, o fato de haver um personagem que se autonega é fundamental para a constituição e para as ações desse personagem. Dessa forma, a autonegação faz uma subversão/paródia com o modo com que Jesus constantemente se define na bíblia.

É preciso ainda destacar o embrião do surgimento dos primeiros sobrenomes, pois a narrativa se passa no início do primeiro milênio e, naquela época, o sistema antroponímico de nome seguido de sobrenome, tal como o conhecemos hoje, ainda não existia. Destacam-se, no caso, os sobrenomes derivados de topônimos – como Magdalena, de Nazaré, da Galileia, etc – e os patronímicos – como de Heli, de Alfeu, de Zebedeu, etc. Mesmo que não apareçam na obra, somam-se aos dois exemplos acima o surgimento de sobrenomes derivados de características físicas e os de profissão.

Finalmente, é possível dizer que o romance analisado, além de uma narrativa intertextual, é também um romance meta-antroponímico, pois o autor apresenta os personagens e os relaciona diretamente aos seus nomes, conforme já explicitado na questão da transparência desses nomes. Dessa forma, abrem-se novas perspectivas de pesquisa acerca dos nomes dos personagens dos romances de José Saramago, a fim de verificar se a abordagem meta-antroponímica é uma constante na produção literária do autor.

Recebido em 08/11/2023

Aceito em 02/07/2024

Publicado em 03/07/2024

Referências

- Amaral, E. T. R.; Seide, M. S. (2020). *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Blucher.
- Andrade, J. de. (1994). *O étimo dos nomes próprios*. São Paulo: Thirê.
- Butkuvienė, K. et al. (2021). Name-giving motives in Lithuania and Brazil. *Domínios de Linguagem*, (15) 2.
- Calvet, L. (2011). *Tradição oral & tradição escrita*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Camargo, A. K. de. (2020). Onomástica Ficcional: status quo no Brasil. *Revista GTLex*, 3 (1).
- Camargo, A. K de; Bini, R. P. (2022). O ethos pela homonímia: o grupo de Barranquilla e a personagem-autor em Cem anos de solidão e Viver para contá-la. *Revista De Literatura, História E Memória*, (31) 18.
- Carvalhinhos, P. de J. (2007). As origens dos nomes de pessoas. *Domínios de Linguagem*, (1), 1.

Correia, M.; Almeida, G. M. de B. (2012). *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial.

Dauzat, A. (1950). *Les noms de personnes: origen et évolution Prénoms – Noms de famille – Surnoms* (4a ed.). Paris: Delagrave.

Dubois, J. *et al.* (2006). *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix.

Frosi, V. M. (2015). *Provérbios italianos: pérolas na educação informal dos ítalo-brasileiros*. Caxias do Sul: Educs.

Gasques, A. E. G. (2003). *Um estudo simbólico: o paraíso em o primo Basílio e o cemitério em "Venha Ver o Pôr-do-Sol"* [Dissertação de Mestrado]. Universidade de São Paulo.

Guérios, R. F. M. (1973). *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. (2a ed.) São Paulo: Ave Maria.

Marcato, C. (2009). *Nomi di persona, nomi di luogo: introduzione all'onomastica italiana*. Bologna: il Mulino.

Mexias-Simon, M. L.; Oliveira, A. de M. (2004). *O nome do homem: reflexões em torno dos nomes próprios*. Rio de Janeiro: HP.

Mioranza, C. (2009). *Filius Quondam: a origem e o significado dos sobrenomes italianos*. São Paulo: Larousse.

Obata, R. (1986). *O livro dos nomes*. São Paulo: Círculo do Livro.

Oliver, N. (2005). *Todos os nomes do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Santos, B. da S. (2015) *Dom Casmurro à luz da onomástica: tramas e tramoias do romance machadiano*. [Dissertação de Mestrado] Universidade Federal do Espírito Santo.

Saramago, J. (1991). *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: Record.

Sartori, T. O. (2015). Signo linguístico versus signo onomástico: convencionalidade e motivação para falar e nomear. *Ciência em Curso*, (4) 2.

Schmidt, J. M. da G. (2003). Manual de pintura e caligrafia, História do cerco de Lisboa e O evangelho segundo Jesus Cristo – uma leitura trilológica. *Romansk Forum*, (17) 1.

Seabra, M. C. T. C. de. (2006). Referência e Onomástica. In: *Múltiplas Perspectivas em Linguística*. Magalhães, J. S. de; Travaglia, L. C. (org.). Uberlândia: Edufu.

Seide, M. S. (2016). Métodos de Pesquisa em Antroponomástica. *Domínios de Linguagem*, (10) 3.